

CHARAUDEAU, PATRICK. DISCURSO POLÍTICO. TRADUÇÃO DE FABIANA KOMESU E DILSON FERREIRA DA CRUZ. 2. ED. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2015, 328P.

MÁSCARAS, IDEOLOGIA, CIDADANIA E POLÍTICA

Tayson Ribeiro Telles*

Patrick Charaudeau é professor de Análise do Discurso (doravante AD) da Universidade de Paris - Nord (Paris XIII) e uma das maiores autoridades intelectuais do mundo nos estudos da linguagem, do Discurso Político (doravante DP) e da AD. Na obra que ora resenhamos, Charaudeau consegue nos expor com acurácia e qualidade, em 328 páginas, pensamentos sobre várias perspectivas imanentes ao funcionamento da linguagem em nossa época no campo político, uma seção cultural do gênero “comunicação humana”. O autor traz à cena das páginas uma AD política crítica, com a qual analisa e critica os meios discursivos de que dispõem os políticos no século XXI. Para o autor, o discurso político é um jogo de máscaras.

Charaudeau secciona a obra em seis grandes partes, a saber: *O que é Discurso Político?*, *As condições do Discurso Político: contratos e estratégias*, *Imagens dos Atores Políticos*, *Os imaginários de verdade do Discurso Político*, *Balanço - uma questão em debate: degenerescência do discurso político ou nova ética? Conclusão: da dessacralização do discurso político à pesquisa de uma nova ética*. Na primeira parte, o autor, em 26 páginas, assevera sobre a palavra política no espaço social, a palavra política e o poder, os setores de ação social da palavra política, desafios de análise do DP e o discurso político como influência social.

Na segunda parte, o professor, em 55 páginas, explora os temas *dispositivos do DP*, *identidades e legitimidade*, *o contrato de comunicação política*, *identidade do político e persuasão entre a perversidade e o mentir verdadeiro*. Na terceira parte - a mais extensa, em 68 páginas, o autor obtempera vocábulos sobre *Ethos*, *credibilidade*, *identificação*, *procedimentos linguísticos expressivos e enunciativos* e *imagens versáteis*. Na quarta parte, o autor, em 56 páginas, entrona os temas *ideologia sociodiscursiva*, *o*

* Professor de Economia do Instituto Federal do Acre - IFAC. Mestre em Linguagem e Identidade (Cultura e Sociedade) pela Universidade Federal do Acre - UFAC; tayson.teles@ufac.br.

ideal dos fins, o problema da ideologia, tradição, modernidade, soberania popular e imaginários opostos.

Na quinta parte, o renomado pesquisador, em 55 páginas, discorre sobre as temáticas *interferência da opinião pública, imaginários societários, consciência cidadã, razões de ser militante, perda ou transformação identitária, midiaticização contemporânea, responsabilidade das mídias, discurso de esquerda: fim da utopia e discurso de direita: fim do autoritarismo*. Na sexta e última parte, o autor, em 23 laudas, consigna dizeres sobre os assuntos *a prática política ocultando o conceito de política, além do discurso populista - uma nova ética, uma nova relação entre instâncias política e cidadã, as condições para uma democracia popular não populista e sobre o dever dizer e o direito de olhar*.

Para o autor, “sem a existência do outro, não há consciência de si” (CHARAUDEAU, 2015, p. 16); portanto, no campo do discurso e do discurso político, o primeiro passo é perceber que estes, para ocorrerem, dependem de locutores e interlocutores, ou seja, são impraticáveis enquanto discursos absolutamente particulares. Nesse sentido, na obra, Charaudeau enfoca suas análises sobre os locutores, os enunciadores, os políticos. O autor deixa claro haver diferenças fulminantes entre o cidadão comum (em tese, ouvinte) e o político, o qual é mais forte socialmente. Isso, porquanto “todo ato de linguagem está ligado à ação mediante as relações de força que os sujeitos mantêm entre si, relações de força que constroem simultaneamente o vínculo social” (CHARAUDEAU, 2015, p. 17), mas é fato notório que os políticos possuem mais força, mais poder na medida em que criam as regras (leis) do vínculo social coletivo.

Segundo Charaudeau, o discurso político é a principal e precípua arma dos políticos para se manterem no poder, ou melhor, manterem seu poder. No discurso político, “o poder comunicativo remete à busca pela dominação legítima [...] que garante o acesso da instância política ao poder, ou sua manutenção nessa posição” (CHARAUDEAU, 2015, p. 19). Conforme o pesquisador, os políticos “têm necessidade de manter-se no poder sob uma aparência de aprovação popular e se valem da discussão, ainda que como simulacro: eis os fundamentos do populismo” (CHARAUDEAU, 2015, p. 20).

Os políticos têm a necessidade de discursar, diz o autor, porque “toda ação política encontra-se sob a dependência da mediação da opinião” (CHARAUDEAU, 2015, p. 26). Obtempera o pesquisador que “a política é um espaço de ação que depende dos

espaços de discussão e de persuasão que, para serem válidos, devem ser divididos em domínios, pois toda sociedade tem necessidade de reconhecer e de classificar as trocas realizadas” (CHARAUDEAU, 2015, p. 27). E, nessa direção, para o autor, existem duas instâncias sociais, dois domínios de ação: o político e o cidadão.

Os dois pouco se misturam segundo o pesquisador, visto que o político tende a todo o momento a (tentar) convencer o cidadão de que ele não precisa participar da vida social, bem como reivindicar seus direitos, pois aquele (o político) faz isso por ele. “O ator político se manifesta na cena do teatro social [...]. A legitimidade é instituída em sua origem para justificar os feitos e os gestos daquele que age em nome de um valor que deve ser reconhecido por todos os membros de um grupo” (CHARAUDEAU, 2015, p. 65).

Nesse teatro:

O político, em sua singularidade, fala para todos como portador de valores transcendentais: ele é a voz de todos na sua voz, ao mesmo tempo em que se dirige a todos como se fosse apenas o porta-voz de um *Terceiro*, enunciador de um ideal social. Ele estabelece uma espécie de pacto de aliança entre [...] três tipos de voz - a voz do *Terceiro*, a voz do *Eu*, a voz do *Tu-todos* - que terminam por se fundir em um corpo social abstrato, frequentemente expresso por um Nós que desempenha papel de guia (CHARAUDEAU, 2015, p. 80).

Em escorço da obra, percebemos que Charaudeau tece um compêndio crítico ao discurso do político pós-moderno (pessoa física), mas não ao discurso político (instituição cultural). Para o pesquisador é necessário inserir o cidadão na instância política, afinal esta somente existe em função do cidadão, o agente produtor da política em si. O autor utiliza-se das páginas que escreveu para indagar ao leitor sobre se de fato está havendo uma degeneração do atual discurso político (provocada pelos políticos) e, por isso, é premente uma nova ética política, ou se tudo caminha bem e nada tem de mudar (?). É uma obra notadamente descritiva, analítica, teórica, mas bastante provocativa, ultrapassando a fronteira da linguística e ingressando na seara da filosofia, da ciência política, da sociologia, dos estudos da comunicação e da cultura em geral.

Recomendamos a leitura da obra e resumimos todo o texto de Charaudeau e seu propósito na seguinte frase presente no livro: “Há, pois, diferentes lugares onde se fabrica o pensamento político, que não está reservado apenas aos responsáveis pela governança nem aos solitários pensadores da coisa política” (CHARAUDEAU, 2015, p. 40); ou seja, o pensamento político e, por conseguinte, o discurso político, o fazer político, não se

concentra somente no plasma dos políticos, mas em todo o lugar. A partir dessa percepção, podemos enxergar que para mudar nossa hodierna pútrida política, corrupto ou cleptocrática, precisamos mudar nossos comportamentos políticos diários, de todos, nossa educação, nossas consciências.

Resenha recebida em: 23 de maio de 2017.

Resenha aceita em: 28 de agosto de 2018.